

MEDICINA TRADICIONAL EM COMUNIDADES MATO-GROSSENSES

Maria Corette Pasa¹

RESUMO: Medicina tradicional é definida como a prática exercida pelo conhecimento empírico e cultural na cura dos problemas relacionados à saúde de diferentes grupos humanos, incluindo o uso de plantas como medicamento. O objetivo do estudo visa determinar o consenso sobre o uso de plantas na medicina tradicional de comunidades mato-grossenses. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas, história de vida turnê-guiada e observação direta. Analisamos semelhanças entre os conjuntos de dados para determinar se há convergência no uso de plantas medicinais tradicionais entre essas comunidades, considerando que elas compartilham influências da cultura mato-grossense, aborígene e descendência africana. As semelhanças entre as comunidades foram avaliadas através da análise de agrupamentos, usando dados de presença para a variável. Foram registradas 475 plantas medicinais, a maioria ocorrendo espontaneamente, embora algumas tenham sido cultivadas. As famílias botânicas mais representadas foram Asteraceae, Lamiaceae e Fabaceae. A similaridade por presença de plantas medicinais entre as comunidades foi significativa devido às características biogeográficas e espaciais dos biomas mato-grossenses aliado às peculiaridades históricas e culturais de cada localidade. Este estudo contribui para a compreensão do papel dos legados históricos da população aqui existente e da integração com as populações que aqui desembarcaram, bem como da expansão da influência africana na adaptação e manutenção de novos elementos da flora nos biomas locais.

Palavras-chave: Etnobotânica, plantas medicinais, medicina tradicional, comunidades mato-grossenses

TRADITIONAL MEDICINE IN THE MATO-GROSSENSE COMMUNITIES

ABSTRACT: Traditional medicine is defined as the practice exercised by empirical and cultural knowledge in curing health-related problems of different human groups, including the use of plants as a medicine. The aim of the study is to determine the consensus on the use of plants in traditional medicine in communities in Mato Grosso. Data were obtained through interviews, walks-in-the-woods, direct observations and life history. We analyzed similarities between the data sets to determine if there is a convergence in the use of traditional medicinal plants between these communities, considering that they share influences from the cultures of Mato Grosso, Amerindia and Afro-descendant. Similarities among communities were assessed through cluster analysis using presence data for the variable. We recorded 475 medicinal plants, most of which were spontaneously occurring, although some were cultivated. The most represented botanical families were Asteraceae, Lamiaceae and Fabaceae. Similarity in medicinal plants among communities was significant due to the biogeographical and spatial characteristics of the Mato Grosso biomes, combined with the historical and cultural peculiarities of each locality. This study contributes to understanding the role of the historical legacies of the population that exists here and that of integration with the populations that have landed here, as well as the expansion of African influence in the adaptation and maintenance of new elements of flora in local biomes.

Keywords: Ethnobotany, medicinal plants, traditional medicine, mato-grossenses communities.

¹Departamento de Botânica e Ecologia. Instituto de Biociências. UFMT. Cuiabá. MT.

PPG Ciências Florestais e Ambientais. UFMT. Cuiabá. MT.

PPG Educação em Ciências e Matemática - REAMEC – Rede da Amazônia Legal Brasileira.

Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367. Boa Esperança 78060-900 - Cuiabá. MT. Brasil. E-mail: pasaufmt@gmail.com

INTRODUÇÃO

Medicina tradicional é praticada por diferentes grupos étnicos, emprega profissionais interdisciplinares em métodos de etnobotânica e antropologia para focalizar o conhecimento tradicional que é transmitido oralmente entre gerações (OMS 2002). Também conhecida como medicina popular envolve os conhecimentos e crenças que incorporam remédios de ervas, animais ou minerais, terapias espirituais, exercícios isolados ou em combinação para manter o bem-estar e tratar, diagnosticar ou prevenir doenças em geral. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, “uma planta medicinal é uma planta que contém em um ou mais de seus órgãos substâncias que podem ser usadas para fins terapêuticos ou preventivos ou que podem ser usadas na indústria farmacêutica depois de ser quimicamente modificado” (OMS 2007).

Nas comunidades mato-grossenses as unidades de produções (roças, hortas, jardins e quintais) se apresentam como verdadeiras obras de arte com seus contornos não geométricos e variados, sendo caracterizados como unidades de paisagens, que desenham cada espaço produtivo através da estratificação dos maciços, herbáceo, arbustivo e arbóreo. Estas obras de arte se devem à mão-de-obra do ser humano que ao cultivar nestes espaços produzem o alimento, o remédio e os utensílios em geral. Muito se deve a esses conhecimentos a influência da cultura sobre o manejo com as plantas medicinais, principalmente. O Estado de Mato Grosso foi fundamentalmente ocupado e povoado sob a influência do Velho Mundo, e neste contexto, as comunidades tradicionais de Quilombos (às vezes chamados de *marrons*) são tradicionais grupos Afro-descendentes que se identificam como tal, com sua própria história, incluindo ascendência africana e uma identidade relacionada à resistência histórica à opressão (Ávila *et al.* 2015). Esses povos tradicionais compartilham características importantes, como morar em áreas rurais próximas as florestas onde a dependência da natureza, seus ciclos e seus produtos são fundamentais para a organização, produção social e a reprodução de suas formas culturais (Pasa *et al.* 2019).

Comunidades tradicionais mato-grossenses dependem do ambiente local como fonte primária de recursos, especialmente as plantas usadas na medicina tradicional, expressando conhecimentos etnobotânicos sobre o uso dos recursos vegetais no cotidiano. Desta forma, é possível que além das características intraculturais de cada região e particularidades socioeconômicas históricas e atuais, e conhecimentos etnobotânicos estejam relacionados à ancestralidade compartilhada pelos grupos étnicos que os compõe. Estudos etnobotânicos com foco em plantas usadas na medicina popular também podem avaliar a difusão e erosão de culturas entre o Velho e o Novo Mundo, que compartilham características históricas e étnicas (Fonseca & Balick, 2018). Desta forma, este estudo teve como objetivo avaliar o consenso popular quanto ao uso das plantas medicinais em comunidades mato-grossenses.

MATERIAL E MÉTODOS

Áreas de Estudos

Os dados registrados foram coletados em dezoito comunidades rurais e urbanas, tradicionais ou de saber local mato-grossenses: Comunidade Caramujo em Cáceres (Oliveira & Pasa 2012), Comunidade Água Fria em Chapada dos Guimarães (Sánchez & Pasa, 2013), Comunidades Bom Sucesso (De David & Pasa, 2014), Água Vermelha (De David & Pasa, 2014), Santa Izabel (De David & Pasa, 2014), Cristo Rei em Várzea Grande (De David & Pasa, 2014), Comunidade São Miguel em Várzea Grande (Mamede & Pasa, 2014), Comunidade Sucuri em Cuiabá (Gonçalves & Pasa, 2015), Comunidade São José em Poconé (Duarte &

Pasa, 2015), Comunidade Quilombo Mata Cavalo em Nossa Senhora do Livramento (Pasa & De David e Fiebig, 2015), Comunidade Quilombo de Cima em Nossa Senhora do Livramento (Pasa & Ferreira, 2016), Comunidade Rio dos Couros em Cuiabá (Costa & Pasa, 2016), Comunidade Passagem da Conceição em Várzea Grande (Fiebig & Pasa, 2016), Comunidade Barreirinho em Santo Antônio do Leverger (Ferreira & Pasa, 2017), Comunidade Vale dos Sonhos em Barra do Garças (Dalla Vechia & Pasa, 2018), Comunidade Morro Redondo em Santo Antônio do Leverger (Espírito Santo & Pasa, 2019), Comunidade Linha 84 (Pasa & Da Vila, 2019), Comunidade Quilombo do Meio em Chapada dos Guimarães (Oliveira & Pasa, 2020). As comunidades apresentam vegetações típicas dos biomas Cerrado e Pantanal, presentes no Estado de Mato Grosso.

Inventário etnobotânico

Compilamos dados secundários obtidos originalmente por meio da aplicação de técnicas etnobotânicas, como entrevistas semi-estruturada e aberta (Minayo, 1994; 2007), observações participantes, visitas guiadas, história de vida e história oral (Meihy, 1996), com o acréscimo de informações durante as participações em atividades festivas e religiosas nas comunidades. Os estudos foram conduzidos de acordo com a Declaração de Helsinque e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa CEP – Saúde – UFMT com o Parecer nº 03646018.9.0000.8124. O potencial etnobotânico sobre as plantas utilizadas como medicinais nas comunidades foi organizado para as dezessete regiões, e os dados foram registrados como “presentes” nas comunidades estudadas.

As comunidades mato-grossenses são caracterizadas como tradicionais ou de saber local. Geralmente as tradicionais estão localizadas distantes de centros urbanos, e especialmente na zona rural.

O tamanho das comunidades varia em função da origem, da tradicionalidade e do acesso, principalmente. Comunidades urbanas aportam maiores facilidades de acesso, bem como de deslocamentos. Comunidades rurais apresentam maiores dificuldades de acesso e maiores dificuldades de deslocamentos. Portanto, o tamanho das comunidades aqui estudadas varia entre 30 e 60 famílias. No total foram entrevistadas 855 famílias, sendo as mulheres, sendo a maioria dos entrevistados, fato que se deve às atividades do lar e cuidados com os filhos. A economia é baseada na pequena agricultura de subsistência e na pesca, ambos para o consumo da família.

A identificação botânica seguiu Lorenzi & Matos (2008), Lorenzi (2013) e o sistema de classificação APG IV (APG IV 2019), Banco de dados da Flora do Brasil (floradobrasil.jbrj.gov.br), e do Banco de dados Missouri Botanical Garden, NY (<http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html>). Os espécimes comprovantes foram depositados na UFMT (Herbário Central da Universidade Federal de Mato Grosso). Dados sobre usos, tipos de usos, partes usadas, dosagens e categorias relacionadas à saúde, como medicamentos, alimentos, místicos e religiosos foram baseados na literatura (Amorozo, 2004; Albuquerque & Hanazaki 2006; Pasa *et al.*, 2017, Pasa *et al.*, 2019). As indicações foram agrupadas com base na classificação das doenças proposta pela Classificação Internacional de Doenças (CID 10) da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2014). Dendrograma produzido por análise multivariada usando o método de Ward e uma matriz de distância de Mahalanobis revelaram a formação de agrupamentos com características semelhantes (Johnson & Wichern, 2007), considerando a presença (Hair *et al.*, 2009) de cada planta em cada comunidade. O uso de dados de presença é justificado porque a fonte original de dados para cada localidade variou, assim como o esforço de amostragem e aqueles considerados informantes-chave (por exemplo, curandeiros, especialistas em plantas locais e idosos).

A amostragem de diferentes ambientes é interessante porque as comunidades podem expressar características culturais semelhantes, dependendo das circunstâncias históricas, do repertório botânico disponível onde vivem e do repertório botânico das espécies introduzidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil sociocultural

Um total de 2.050 pessoas foram entrevistadas, considerando as pessoas acima de 18 anos e pertencentes à família. A maioria são as mulheres, que ficam na residência cuidando da casa e dos filhos. Os homens realizam atividades como madeireiros, silvicultores ou comerciantes na comunidade ou com afazeres ao redor da comunidade. A idade dos entrevistados variou de 35 a 110 anos. O conhecimento sobre plantas medicinais era predominantemente de pessoas idosas. Os jovens às vezes permaneciam na comunidade, especialmente nas áreas rurais, porque era necessário ajudar nas tarefas domésticas ou como mão-de-obra nos cultivos de subsistência da família. Poucos jovens ainda permanecem nas zonas rurais e vão para centros urbanos próximos em busca de melhores condições de estudo e de trabalho. A escolaridade foi expressiva para o ensino fundamental incompleto. O catolicismo é a religião principal, seguido por religiões de influência africana, como crenças tradicionais amplamente praticadas pelos Quilombos, principalmente.

As atividades econômicas incluem basicamente o cultivo de culturas de subsistência, onde as famílias representam a mão-de-obra na força dos trabalhos agrícolas. O compartilhamento de trabalho rural entre vizinhos, amigos e parentes - prática denominada "mutirão" ocorre nas comunidades rurais mato-grossenses. Nestas atividades não se aplica custos econômicos entre os membros das comunidades envolvidas, porque são compartilhados com base na "camaradagem" (Pasa *et al.*, 2004; Pasa *et al.*, 2019).

A subsistência das famílias é obtida em unidade de paisagem agrícola, através de cultivos como *Manihot esculenta*, *Zea mays*, *Musa sp.*, *Carica papaya*, *Saccharum sp.*, *Ipomoea batatas*, *Citrus sp.*, *Cucurbita sp.*, *Punica sp.*, entre outros. Estas unidades de paisagem estão circunscritas em espaços próximo às matas ripárias e também dos quintais das residências, principalmente as da zona rural.

As plantas utilizadas como remédio em atividades terapêuticas da medicina popular são obtidas a partir de uma variedade de ambientes: (a) áreas naturais - florestas com espécies nativas e para uso coletivo; (b) áreas antrópicas - áreas com ampla intervenção humana caracterizada principalmente por espécies cultivadas/domesticadas, como quintais localizados próximos a residências; (c) áreas de vegetação em regeneração - capoeiras em vários estágios de sucessão com a presença de espécies exóticas e espécies nativas; e (d) áreas de domínio familiar - chamadas "roças", onde plantios caseiros são cultivadas para agricultura de pequena escala. Seja qual for o caso, esses espaços estão localizados perto de casas, a fim de facilitar a aquisição de alimentos e medicamentos, que são preparados principalmente por mulheres. Jardins e quintais são locais de recursos cruciais para as populações rurais e urbanas e representam um espaço para o cultivo de espécies nativas.

Dados etnobotânicos

No total foram mencionados 554 espécimes distribuídas em 103 famílias botânicas para diferentes categorias de usos. Destas, como plantas medicinais foram registradas 475 espécies, nativas e exóticas. As famílias mais representativas foram Asteraceae, Lamiaceae, Fabaceae, seguido de Solanaceae, Rutaceae e Rubiaceae.

Em geral, as plantas utilizadas nas comunidades apresentam usos múltiplos. O registro do número de citações para uso medicinal foi de 4.110, sendo a maioria usadas para tratamento simples como a malina, a febre, resfriado, dor de cabeça, colesterol alto, quebrasuras, diabetes, arca caída, tristeza, depressão e mau-olhado, entre outros. As plantas utilizadas na medicina tradicional têm uma grande variedade de usos para os tratamentos de saúde, e o número de citações varia conforme o número de entrevistados e/ou o tamanho da comunidade e a experiência ao longo da vida. Nas comunidades rurais, devido à diversidade vegetal ainda presente, cada entrevistado citou em média nove (09) usos por espécie, seguido pela comunidade de saber local com seis (06) usos por espécie. Consequentemente, a diversidade é afetada devido às modificações urbanas sobre o bioma local, ou mesmo o processo de urbanização, que acarreta modificações profundas e permanentes na paisagem, afetando o estoque vegetal. Neste caso, frequentemente a matriz vegetal nativa é eliminada ou seriamente alterada e se criam mosaicos de espaços manejados, intercalados ou não, com faixas ou lotes de vegetação espontânea. As comunidades de saber local tendem não serem mais “tradicionais” e sim mais jovens e com processo de aculturação mais presente, devido à entrada de pessoas de outras regiões e passando por processos de transformação na dinâmica cultural e ecológica (Amorozo, 2013).

As características gerais do conhecimento etnobotânico encontradas no presente estudo são semelhantes aqueles relatados por Voeks (2007) e Conde *et al.* (2017), quanto à predominância de idosos entre os especialistas entrevistados em plantas medicinais nos quintais das residências. A importância do conhecimento mantido pelas mulheres sobre plantas medicinais nas comunidades mato-grossenses reflete a distribuição social do trabalho dessas comunidades, como foi também observado por Voeks (2007). Esse conhecimento da natureza, entre as mulheres, geralmente está relacionado às paisagens antropogênicas, como jardins e quintais. Localizado perto das casas, esses espaços são acessíveis e abrigam as plantas que exigem atividades de manejo mais intensivo, como plantar, aguar, varrer e limpar, que ocorrem frequentemente (Amorozo, 2013). Segundo Pasa *et al.* (2017) em recentes estudos descobriram que homens que trabalham em florestas e habitats menos manejados têm mais conhecimento sobre espécies florestais, enquanto as mulheres são mais proficientes em ervas medicinais. Mulheres e homens possuem conhecimentos diferentes de suas floras locais, o que é especialmente pronunciado para floras de cura tropical (Voeks, 2007).

A predominância da religião católica reflete as características históricas de ocupação do estado de Mato Grosso. Também com expressividade para práticas religiosas, com ascendência para a África ou para as tradições de cura derivadas do africano. Além do que, existe uma convergência histórica entre a África Ocidental e sistemas de crenças católicas nas religiões sincréticas, mesmo antes da travessia do Atlântico. Esta convergência se intensificou entre os escravos no Brasil e tornou-se parte das primeiras sociedades quilombolas, especialmente no Mato Grosso (Santos, 2013). A maioria das comunidades estudadas exercem práticas religiosas com tradições africanas, e o repertório vegetal para as atividades de cura e de bençãos envolvem o uso de folhas, caules e flores de espécies como *Rosmarinus officinalis* e *Ruta graveolens*, principalmente, que são usados em rituais de proteção pessoal para tratar os males do corpo e da alma. Estas plantas têm poder contra o "mau-olhado" e são usados em banhos para e limpeza espiritual. O uso extensivo de tais plantas por comunidades mato-

grossenses tradicionais e/ou de quilombos, provavelmente está relacionado ao seu patrimônio cultural (Ávila *et al.* 2015; Pasa & De David 2016; Fonseca & Balick 2018). Portanto, as plantas medicinais em rituais religiosos servem como um recurso para afirmação cultural em face do sistema médico dominante e, portanto, sua manutenção ajuda a fortalecer os meios tradicionais de subsistência e a conservar os ecossistemas locais (Zank & Hanazaki, 2017).

As comunidades estudadas estão localizadas em diferentes biomas, e interagem com uma variedade de plantas ao praticar a medicina tradicional. O consenso de uso das espécies nas diferentes comunidades pode representar um legado afrodescendente, em comunidades de quilombos ou tradicionais, unindo-as através de um preconceito ao longo do tempo e do espaço. Contudo, espécies compartilhadas também podem ser influenciadas por fatores históricos relacionados à expansão portuguesa, o que contribuiu para a homogeneização das floras usadas entre diferentes continentes (Crosby 1993). Estudos realizados em comunidades tradicionais brasileiras e comunidades africanas destacam que as semelhanças de usos das plantas nos diferentes continentes podem ter sido influenciadas por localização geográfica, porque ambos estão em regiões tropicais e, portanto, compartilham um ambiente tropical: Neotropical para Mato Grosso e Afro-tropical para a Guiné-Bissau e Moçambique. Em outras palavras, existem ecossistemas semelhantes em continentes com diferentes histórias biogeográficas, que favorece um conjunto semelhante de plantas introduzidas (Pasa *et al.*, 2019).

As plantas usadas em rituais religiosos revelam sua importância como protetoras da saúde espiritual, em rituais religiosos através de bênçãos e orações, individual ou coletivamente, para tratar “mau olhado”, tristeza, fraqueza, inveja e arca caída. Estudo em comunidade urbana destaca que as práticas de benzeções são adquiridas com familiares, em muitos casos na infância e reconhecem que benzer é um dom herdado naturalmente e que estas atividades estão interligadas com ritos e práticas, principalmente da Igreja Católica (De David & Pasa, 2017). As espécies de uso comum são *Zingiber officinalis*, *Ruta graveolens*, *Petiveria alliacea*, *Rosmarinus officinalis*, *Aloe vera*, *Mentha x villosa*, *Sansevieria trifasciata*, *Vernonia ferruginea*, *Justicia pectoralis*, *Echinodorus macrophyllus*, *Alternanthera brasiliana*, *Allium fistulosum*, *Dieffenbachia amena*, *Porophyllum ruderale*, *Lactuca sativa*, *Matricaria chamomilla*, *Matricaria recutita*, *Mikania glomerata*, *Artemisia absinto* e *Vernonia polianthes*.

Neste estudo várias comunidades mato-grossenses é exercem o ritual candomblé, como forma de religião. Assim, o amplo corpus etnobotânico desenvolvido na África ao longo de milênios também inclui plantas usadas como estimulantes para rituais e magia. Neste caso, nas comunidades locais os afro-brasileiros contemporâneos, por exemplo, reconhecem que elementos de sua etnoflora local também habitam sua terra natal ancestral da África Ocidental, principalmente os quilombos. Plantas utilizadas no candomblé (prática religiosa relacionada à ascendência africana), representam o continente africano como legado da cultura afro-brasileira (Voeks, 1997) e Pfeiffer & Voeks (2008). Um inventário litúrgico de plantas usadas por praticantes de candomblé no Brasil e pela diáspora que vive na cidade de Nova York (Fonseca & Balick (2018), revela consenso com o presente estudo. Espécies como *Abelmoschus esculentus*, *Artemisia* sp., *Allium* sp., *Aloe vera*, *Annona acutiflora*, *Artemisia absinthium*, *Capsicum* sp., *Chenopodium ambrosioides*, *Cinnamomum* sp., *Citrus x aurantium*, *Dieffenbachia amoena*, *Eugenia* sp., *Gossypium hirsutum*, *Jatropha gossypifolia*, também são presentes nas comunidades mato-grossenses.

As plantas herbáceas são predominantes entre espécies medicinais presentes em quintais mato-grossenses. A parte da planta mais utilizada é a folha (89%), seguido pela casca, flor, fruto e sementes. As formas de preparação incluem chá (88%), seguido de infusão, decocção, maceração e uso tópico (compressa). As espécies utilizadas medicinalmente foram classificadas de acordo com a OMS (2014). A maioria das citações de usos foi para a circulação (91 spp.), seguido pelo sistema digestivo (36 spp.), sistema geniturinário (29 spp.), sistema

respiratório sistema (21 spp); endócrino, nutricional e metabólico (21 spp. cada); sistema nervoso (16 spp.); e proteção pessoal ou religiosa-mágica (15 spp.).

Em geral, os tratamentos de saúde mais frequentemente mencionados são: anemia, osteoporose, diurese, colesterol alto, tumores, pedras nos rins, úlceras, câncer, dengue, malária, inflamações em geral, dor de estômago, hipertensão, purificação do sangue, bronquite, vermes, hemorróida, doenças sexualmente transmissíveis, pós-parto, problemas do coração, laxante, afrodisíaco, reumatismo, doenças abortivas, mal-estar, doenças corporais, fígado, tosse, vômito, nervosismo, lavagem genital, circulação, , eczema, sangramento em geral, queimaduras e dor óssea, constipação, feridas. Outras propriedades curativas mencionadas para as plantas medicinais incluíam afronta, condicionamento de força física, mau humor, fraqueza, depressão, tristeza, olho-gordo, proteção pessoal e olho-do-mal. Os estudos revelam alta incidência do uso de plantas medicinais para tratamentos de anemia falciforme e diabetes mellitus, que são particularmente importantes doenças de origem étnica em populações afrodescendentes (Brasil, 2001; Pasa *et al.* 2015; Zank *et al.*, 2016). Na comunidade quilombola de Boqueirão, no Alto Guaporé, em Mato Grosso, o fruto do açaí (*Euterpe* sp.) é usado como medicamento na forma de suco e vinho para o tratamento de anemias, enquanto a folha é preparada como chá (Leite & Silva, 2014).

Asteraceae é uma das maiores famílias de angiospermas e é amplamente distribuída em todo o mundo. Está muito bem representada no Brasil, principalmente em ambientes abertos, como cerrado (Hattori & Nakajima, 2008; Souza *et al.*, 2018). Lamiaceae está presente em todos os biomas brasileiros (Lewis *et al.*, 2005; Souza *et al.*, 2018). Ambas famílias botânicas possuem potencial medicinais extraordinários e na gastronomia também, pois são amplamente utilizados por comunidades tradicionais rurais ou urbanas devido à trajetória cultural de ocupação entre o Velho e o Novo Mundo.

Para Guarim Neto *et al.* (2010) Mato Grosso abriga expressivo conjunto de povos indígenas e populações tradicionais, que incluem ribeirinhos, quilombolas, pantaneiros, entre outros e o resgate dos conhecimentos tradicionais etnobotânicos em comunidades humanas e demais habitantes autóctones de áreas geográficas distintas é uma das três linhas apresentadas pelo autor como base para o conhecimento da biodiversidade. Muitas regiões mato-grossenses foram fundamentalmente ocupadas e povoadas sob a influência do Velho Mundo. O fluxo de plantas da África tropical para as Américas ocorreu ao longo de muitos anos, intencionalmente ou não. Como parte dessa trajetória botânica foi introduzida uma flora domesticada de regiões distantes (Voeks, 2017). Segundo Crosby (1993) chamou este processo de “intercâmbio colombiano”, porque contribuiu para homogeneização botânica do mundo. Também favoreceu o reajuste e transculturação através da difusão de alimentos e plantas mágico-religiosas entre os descendentes do Novo Mundo, que poderia assim, reivindicar um certo grau de soberania contra a hegemonia europeia e americana (Voeks & Rahsford, 2013). Espécies como *Anacardium occidentale*, *Musa parasidiaca*, *Jatropha gossypifolia*, *Senna occidentalis*, *Gossypium hirsutum*, *Citrus sinensis* e *Zingiber officinalis* são encontradas nos repertórios de comunidades mato-grossenses, evidenciando uma mistura de plantas de diferentes origens étnicas.

Para a família Asteraceae no cerrado ocorrem cerca de 120 gêneros e 835 espécies, **ervas**, subarbustos, arbustos, menos frequentemente árvores ou lianas, látex as vezes presentes. Entre as árvores de Asteraceae do cerrado, merece destaque *Eremanthus*, conhecidas popularmente como candeia, uma vez que mais da metade das espécies nativas deste gênero, ocorrem neste tipo de vegetação (Souza *et al.*, 2018). Espécies medicinais nos cerrados são inúmeras, com destaque para o guaco (*Mikania* spp.) e a carqueja (*Baccharis* spp.) (Tabela 1).

As espécies da família Asteraceae apresentam similaridade de usos medicinais nas dezoito comunidades mato-grossenses, e com coeficiente de similaridade por presença (P) de

0,85. Desta forma, o consenso de uso por aglomeração é expressivo à semelhança dos usos medicinais nas comunidades rurais, urbanas, tradicionais ou de saber local de Mato Grosso.

Tabela 1. Espécies da família Asteraceae usadas na medicina tradicional mato-grossense.

Espécies	Nome comum	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R		
<i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gleason	Língua-de-vaca	P	P	P		P		P	P	P	P		P				P	P	P	P	
<i>Cichorium endivia</i> L.	Coentro	P	P		P					P	P					P	P	P	P	P	
<i>Eremanthus scapiger</i> (DC.) Baker	Candeia/bácino		P	P		P	P				P		P	P	P	P				P	
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	P	P	P	P	P	P		P	P		P	P	P			P	P	P	P	
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão/Picão-preto	P		P						P			P			P	P			P	
<i>Cynara</i> sp.	Alcachofra				P	P				P			P	P						P	P
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	P	P		P		P		P				P	P	P	P					P
<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	P	P	P		P	P		P	P						P	P			P	P
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Macela	P	P	P		P	P	P							P						
<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less	Caferana	P	P	P	P	P		P			P	P					P	P	P	P	
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica	P	P	P	P	P	P	P		P	P	P	P	P			P	P	P	P	
<i>Brickellia diffusa</i> (Vahl) A. Gray	Arnica	P	P	P	P		P	P	P	P	P		P			P	P	P	P	P	
<i>Hieracium</i> sp.	Arnica-do-campo	P		P			P	P				P			P	P	P	P	P		
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	P		P						P			P				P			P	
<i>Gerbera</i> sp.	Gérbera	P	P	P	P			P	P		P		P				P	P	P	P	
<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	Picão-branco	P	P	P	P	P		P		P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
<i>Achillea millefolium</i> L.	Mil-folhas/Dipirona	P	P	P	P		P			P	P	P									
<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Assa-peixe	P	P	P	P		P		P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less	Assa-peixe	P	P		P		P	P	P	P	P	P	P	P			P	P	P	P	
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Figatil		P				P			P			P	P							
<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Carrapicho	P	P				P	P			P		P	P						P	
<i>Cichorium intybus</i> L.	Almeirão	P	P		P					P	P	P					P			P	
<i>Artemisia camphorata</i> L.	Cânfora	P	P	P	P						P					P	P	P	P	P	
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Mentrasito	P	P		P						P	P			P						
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Guaco/chá-porreta	P	P		P	P		P	P		P		P	P	P	P	P			P	
<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Serralha	P	P		P						P	P		P	P	P	P	P	P	P	
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	P	P	P	P	P	P		P		P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Artemije	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P			P	P	P	P	P	
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch. Bip. ex W	Estomalina					P				P		P			P						
<i>Sanchus oleraceus</i> L.	Serralha																				
<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray	Flo-da-amazônia			P						P							P				
<i>Senecio scandens</i> Buch. Ham. ex D. Don	Flor-de-finado						P		P											P	P
<i>Baccharis caprariifolia</i> DC.	Alecrim-do-mato				P					P				P						P	P

Legenda: Comunidades mato-grossenses (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R).

Ao se tratar sobre o consenso de usos das plantas na medicina tradicional nas comunidades estudadas, o coeficiente de aglomeração é igual ou superior a 0,85, sendo considerado alto, uma vez que o coeficiente varia de 0 a 1. O coeficiente de aglomeração para Asteraceae foi de 0,85, com nove espécies com usos semelhantes e expressivo consenso de usos como *Porophyllum ruderale*, *Matricaria recutita*, *Mikania glomerata*, *Artemisia absinthium*, *Vernonia ferruginea* e *Vernonia polyanthes*, que estão alocadas no primeiro grupo e presentes em todas nas comunidades tradicionais mato-grossenses. As espécies *Lactuca sativa* e *Cynara sp.* estão presentes em algumas comunidades rurais e urbanas, representando o segundo grupo (Fig. 1).

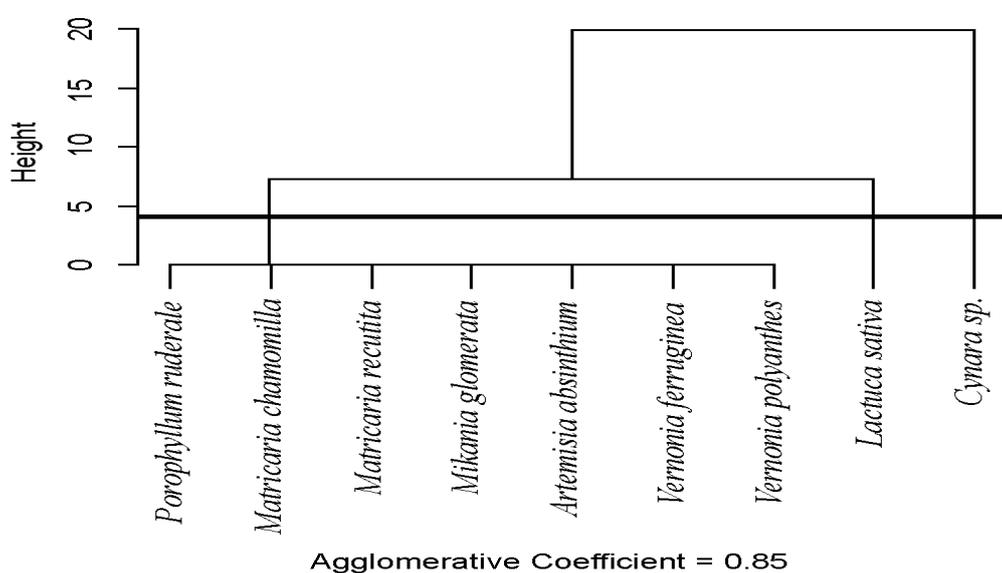


Figura 1. Cluster de aglomeração da família Asteraceae.

Lamiaceae é uma das principais famílias do cerrado, com espécies geralmente subarbustiva ou arbustiva. Embora tenha sido desmembrada em diversos outros gêneros, *Hyptis* permanece sendo o mais comum, embora outros, como *Salvia*, *Eriope* e *Hypenia* também possam ser encontrados com certa frequência. No cerrado ocorrem cerca de 30 gêneros e 240 espécies. Não foi incluído o gênero *Cornutia*, por ter sido considerado de ocorrência duvidosa no cerrado. Ervas a arbustos, menos frequentemente árvores, comumente aromáticos (Souza *et al.*, 2018).

Muitas espécies da família Lamiaceae são largamente usadas devido às características aromáticas, e por isso denominadas regionalmente de “especiarias”. São usadas na forma de temperos e sabores na gastronomia mato-grossense, como a manjerona (*Origanum majorana* L.), hortelã-pimenta (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), manjeriço (*Ocimum basilicum* L.), erva-canudo (*Hyptis suaveolens* (L.) Poit.), erva-cidreira (*Melissa officinalis*), poejo (*Mentha pulegium*), boldo (*Plectranthus barbatus*), hortelã (*Mentha villosa*) entre outras. A espécie *Ocimum canum* é uma planta odorífica e

medicinal, originária das regiões tropicais e subtropicais do Velho Mundo, cuja as flores se apresentam nas cores branca ou lavanda. Originária da Ásia e África, naturalizou-se pela América tropical, onde é encontrada vegetando espontaneamente, e muito apreciada na gastronomia mato-grossense (Tabela 2).

Tabela 2. Espécies da família Lamiaceae usadas na medicina tradicional mato-grossense.

Espécies	Nome comum	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
<i>Origanum majorana</i> L.	Manjerona	P	P	P							P	P			P	P	P	P	P
<i>Pogostemon cablin</i> (Blanco) Benth.	Patchulin											P			P	P			
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã pimenta									P					P				
<i>Solenostemon scutellarioides</i> (L.) Codd	Coração amargurado									P									
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	Boldo chinês	P	P									P			P	P			
<i>Coleus amboinicus</i> Lour.	Boldo hortelã			P											P				
<i>Mentha villosa</i> Becker	Hortelã	P	P	P	P	P	P	P	P		P	P	P		P	P	P	P	P
<i>Salvia hispanica</i> L.	Chia			P															
<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link Otto ex Benth.	Alfavaquinha	P	P	P	P					P					P	P			
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Alfavacão			P						P									
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca			P	P	P		P	P		P	P		P	P	P	P	P	P
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim/alecrim-de-jardim	P	P	P	P	P	P	P	P		P	P	P	P	P	P	P	P	P
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjericão	P	P	P	P	P		P	P		P	P		P	P	P	P	P	P
<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira/melissa	P	P	P	P	P	P	P	P		P	P		P	P	P	P	P	P
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P		P	P	P	P	P	P
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-frade	P	P	P		P		P		P		P	P	P	P	P	P	P	P
<i>Mentha arvensis</i> L.	Vique			P	P		P	P		P	P	P		P		P	P	P	P
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Tapera-velha/erva-canudo	P	P	P	P		P		P	P	P	P		P	P	P	P		
<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng	Tarumã			P		P				P				P	P	P	P	P	P
<i>Hyptidendron canum</i> (Pohl ex Benth.) Harley	Hortelã-do-campo	P	P			P		P		P	P	P							
<i>Clerodendrum thomsoniae</i> Balf.	Lágrima-de-cristo							P	P						P	P			
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Erva-de-macaé												P						P
<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã-de-jardim	P	P														P		
<i>Ocimum canum</i> Sims.	Alfavaca/Insensô	P	P			P	P	P	P	P			P	P	P	P			
<i>Ocimum selloi</i> Benth	Elixir					P											P		
<i>Solenostemon scutellarioides</i> L.	Coração-magoado			P															
<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Incensô/Malária						P	P	P	P	P	P	P	P					
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze	Cordão-de-são-francisco	P	P							P	P				P	P	P	P	P

Legenda: Comunidades mato-grossenses (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R).

A distribuição aglomerativa de Lamiaceae agrupou as espécies *Rosmarinus officinalis*, *Plectranthus barbatus*, *Melissa officinalis*, *Mentha pulegium* e *Leonotis nepetifolia*, que estão presentes em todas as comunidades rurais mato-grossenses. Composto por um segundo grupo, *Mentha x villosa* e *Ocimum canum* estão presentes nas comunidades rurais e urbanas (Figura 2).

Segundo Voeks & Greene (2018) “a era colonial testemunhou uma busca febril por plantas medicinais exóticas pelos cientistas europeus”. E consideraram os povos indígenas e diaspóricos como “armazéns do conhecimento das plantas”. A conquista e colonização das Américas (em especial Mato Grosso) também anunciaram inadvertidamente e intencionalmente trocas biológicas de proporções sem precedentes, que acelerou o ritmo dos processos biogeográficos de troca entre o Velho e o Novo Mundo. De acordo com Parsons (1970), “a introdução de gramíneas africanas na Américas (...) representou uma das mais significativas invasões ecológicas na história da Terra”. Comunidades tradicionais mato-grossenses da era pré-colombiana confiavam em alimentos básicos que consistiam em milho, mandioca, abóbora, feijão, amendoim e batata doce. As bases alimentares ameríndias foram ampliadas e misturadas com plantas trazidas do Velho Mundo, como trigo, arroz branco, legumes e bananas, para citar alguns, que foram naturalizados e incorporados à dieta da população local, que ao manipular recursos ambientais para sobrevivência e resistência, os africanos recorreram à criação de diversas tradições etnobotânicas, que sustentavam as culturas negras rurais das Américas (Pasa *et al*; 2019). Segundo Voeks (2017), o conhecimento africano aplicado à paisagem neotropical “proporcionou a readaptação ambiental no Novo Mundo, novas relações com a natureza selvagem e domesticada e a troca genética de plantas entre continentes”.

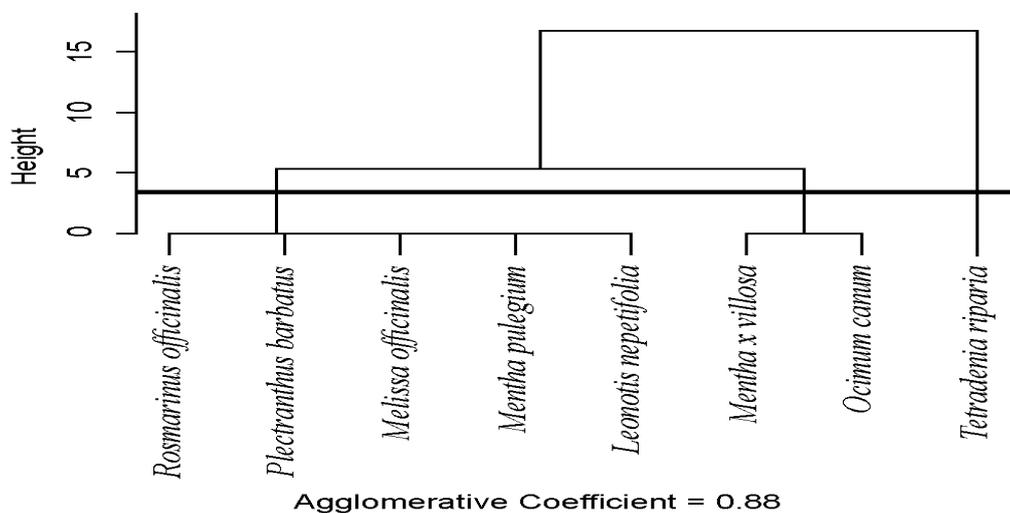


Figura 2. Distribuição aglomerativa das espécies da família Lamiaceae.

Fabaceae é a maior família em número de espécies da flora brasileira, presente em todos os tipos de vegetação. No cerrado não é diferente, e esta é também a família com maior diversidade, incluindo desde pequenas ervas até árvores muito grandes dos cerradões (Souza *et al.* 2018). Algumas espécies merecem destaque, tanto pela presença dominante na paisagem,

quanto pela sua ampla distribuição. Plantas medicinais também são inúmeras entre as leguminosas (Tabela 3).

A oleorresina produzida pela *Copaiba langsdorfii* e outras espécies do gênero, conhecida como “óleo-de-copaíba” ampla aplicação na medicina popular. Estudos de Mamede & Pasa (2018) ressaltam o uso medicinal da copaíba. O jatobá-do-cerrado *Hymenaea stigonocarpa* é uma árvore tortuosa, bastante típica do cerrado, apresentado frutos com casca dura e sementes envoltas em polpa comestível, bastante usado na medicina tradicional mato-grossense.

Tabela 3. Espécies da família Fabaceae usadas na medicina tradicional mato-grossense.

Espécie	Nome comum	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	Barbatimão-branco	P	P			P	P		P	P	P	P		P	P	P	P	P	P
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P			P	P	P	P	P	P
<i>Mimosa adenocarpa</i> Benth.	Dorme-dorme	P		P			P			P					P	P		P	
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. Ex Tul.	Jucá	P	P			P	P		P	P	P					P	P		
<i>Pithecellobium tortum</i> Mart.	Jurema	P	P		P	P		P			P	P			P	P	P	P	P
<i>Inga speciosa</i> M. Martens & Galeotti	Ingá	P	P		P	P	P			P	P	P		P	P	P	P	P	P
<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd.	Ingá de metro	P	P		P		P				P	P		P	P	P	P	P	P
<i>Inga heterophylla</i> Willd.	Ingá-do-mato	P	P		P			P	P					P	P	P			
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata-de-vaca	P	P			P				P	P	P	P	P		P	P	P	P
<i>Bauhinia bongardii</i> Steud.	Pata-de-vaca-do-campo	P			P					P	P			P	P	P			
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil					P								P			P		
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	P	P	P	P		P	P		P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
<i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth.	Sucupira-branca									P	P			P	P		P	P	P
<i>Pterodon polygaliflorus</i> (Benth.) Benth.	Sucupira	P	P	P	P						P	P	P		P	P	P	P	P
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira-preta	P	P					p		P	P				P			P	P
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão-de-corda	P	P		P						P					P	P		
<i>Vigna sinensis</i> (L.) Endl. Ex Hassk.	Feijão chicote	P	P		P			P			P	P	P			P	P		
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell) Morong	Timbó	P	P		P		P	P			P	P	P		P	P	P	P	P
<i>Stylosanthes guyanensis</i> (Aubl.) SW.	Vassourinha	P	P	P	P			P	P		P	P			P	P	P	P	P
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Amburana	P	P		P					P	P	P	P		P	P	P	P	P
<i>Hymenaea courbaril</i> L	Jatobá-mirim	P	P		P			P		P	P	P	P		P	P		P	P
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá-do-cerrado	P	P	P	P		P		P		P			P	P	P	P	P	P
<i>Eriosema benthamianum</i> Mart. ex Benth.	Sene		P	P			P				P	P			P	P		P	
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Cumbaru	P	P		P					P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	feijão andu/ guandu	P	P		P					P	P	P		P	P	P	P		
<i>Abrus precatorius</i> L.	Tento		P							P					P				
<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	Tripa-de-galinha	P	P		P					P	P				P	P	P	P	P
<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.	Unha-de-boi	P	P		P					P	P		P		P	P	P	P	P
<i>Copaiba langsdorfii</i> (Desf.) Kuntze	Copaíba; Pau d'óleo	P	P	P	P		P	P		P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Ximbuva	P	P		P					P	P	P	P		P	P			
<i>Enterolobium timbouva</i> Mart.	Ximbuva	P	P		P					P	P				P	P	P	P	P
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão-de-vagem	P	P		P				P	P	P	P	P		P	P	P		P
<i>Delonix regia</i> (Boerj ex Hook.) Raf.	Flamboyam		P								P			P				P	
<i>Piptadenia macrocarpa</i> Benth.	Angico-jacaré	P									P			P					P
<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg	Anjico-branco	P	P		P		P		P	P	P			P	P	P	P	P	P
<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovle	Quina genciana	P	P		P	P	P	P	P		P	P	P		P	P	P	P	P

Legenda: Comunidades mato-grossenses (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R).

Na família Fabaceae a similaridade por presença (P) foi expressiva para *Dimorphandra mollis*, *Senna occidentalis*, *Inga speciosa*, *Tamarindus indica*, *Pterodon polygaliflorus*, *Enterolobium contortisiliquum*, *Copaiba langsdorfii*, e *Acosmium subelegans*, no primeiro extrato de aglomeração, seguido das demais para a segunda e terceira extratificação por consenso de usos como medicinas nas comunidades.

A diversidade de plantas medicinais encontradas nos quintais mato-grossenses reflete a riqueza florística dos biomas locais e está diretamente relacionada à disponibilidade de habitats naturais e ao intercâmbio de germoplasma, que ocorrem desde o início do processo diaspórico. Para Pasa (2011) várias plantas introduzidas são cultivadas em espaços antropicamente modificados, como quintais e jardins. Segundo Voeks (2017) descreve jardins e quintais como espaços artificiais que podem ser considerados paisagens culturais ou domesticadas. Em comunidades tradicionais de quilombos ou não, esses espaços geralmente possuem uma mistura de ambas espécies nativas e exóticas (Guarim Neto *et al.*, 2010, Ávila *et al.* 2015).

O expressivo consenso de uso das plantas na medicina tradicional nas comunidades mato-grossenses reforça a diversidade representada pelas famílias Asteraceae com o maior número de espécies, seguido por Lamiaceae e Fabaceae. Para Conde *et al.* (2017), a diversidade botânica expressa o conhecimento tradicional e pode ser devido ao fato de que o legado etnobotânico de quilombo e/ou tradicionais inclui uma combinação de conhecimentos das plantas por africanos, ameríndios e europeus.

CONCLUSÕES

A medicina tradicional é um legado que envolve o conhecimento popular sobre o uso das plantas medicinais, e representa um meio cultural vinculado à herança ambiental transmitida entre gerações. A prática da medicina tradicional nas comunidades estudadas é a maneira mais imediata e econômica que possuem para tratar problemas de saúde, já que a maioria estão longe dos centros urbanos. Neste estudo o consenso de uso das plantas para a categoria medicinal é expressivo. Isso provavelmente se deve a diferentes conjuntos de plantas medicinais resultantes de análises biogeográficas e características espaciais dos respectivos biomas (cerrado e pantanal) e do histórico e peculiaridades culturais de cada localidade. Este estudo contribui para uma melhor compreensão dos legados históricos da Diáspora Africana e de expansão européia (portuguesa) como agentes na modelagem de ambientes neotropicais, assim como a adaptação e manutenção de novos elementos em floras locais.

Considerando o tamanho do Estado de Mato Grosso o estudo não fornece uma descrição etnobotânica exaustiva das áreas estudadas. Tal esforço ainda é necessário, e abriria caminho para futuros estudos fitoquímico e farmacológico, especialmente. Portanto, recomendamos que pesquisas futuras abordem a proximidade taxonômica e filogenética das espécies compreendendo a flora medicinal utilizada nas comunidades tradicionais mato-grossenses. Finalmente, propalar informações sobre o uso de plantas medicinais na prática da medicina popular em meio às pluralidades culturais, fortalecerá os valores e a riqueza de diferentes culturas e tradições, ainda contidas nos biomas mato-grossenses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, U.P.; HANAZAKI, N. 2006. “As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas”. **Rev Bras Farmacogn** 16 (Supl): 678-689.
- AMOROZO, M.C.M. 2004. Pluralistic medical setting and medicinal plants use in rural communities, Mato Grosso, Brazil. **Journal of Ethnobiology** 24 (1): 139-161.
- AMOROZO, M.C.M. 2013. **Sistemas agrícolas de pequena escala e a manutenção da agrobiodiversidade - uma revisão e contribuições**. Rio Claro, SP: Edição do autor; Botucatu: FCA – UNESP. 120p.
- ANDERSON, R.N. 1996. The Quilombo of Palmares: a new overview of a maroon state in seventeenth-century Brazil. **Journal of Latin American Studies** 28: 545–566.
- APG IV – Angiosperm Phylogeny Group. 2016. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society** 181: 1-20.
- ÁVILA, J.V.C.; ZANK, S.; VALADARES, K.M.O.; MARAGNO, J.M.; HANAZAKI, N. 2015. The Traditional Knowledge of Quilombola About Plants: Does urbanization matter? **Ethnobotany Research & Applications** 14:453-462.
- BARRIO, M.; TEIXIDO, A.L. 2015. **Plant Systematics and Evolution**. 301:113-124. DOI 10.1007/s00606-014-1058-0
- BRASIL. 2001. **Manual de doenças mais importantes, por razões étnicas, na população brasileira afrodescendente**. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Brasília.
- CATARINO, F.M.L. 2002. **Flora e Vegetação do Parque Natural das Lagoas de Cufada, Guiné-Bissau**. Instituto de Investigação Científica Tropical. Centro de Botânica, Lisboa. 96p.
- CONDE, B.E.; TICKTIN, T.; FONSECA, A.S.; *et al.* 2017. Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two *Quilombola* groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil. **PLoS ONE** 12(11):e0187599. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0187599>
- COSTA J. 1998. **Biogeografia de Portugal Continental: Quercetea**.
- CROSBY A.W. 1993. **Ecological imperialism: the biological expansion of Europe, 900–1900**. Cambridge University Press, Cambridge.
- DE DAVI, M.; PASA, M. C. Múltiplos Olhares sobre a Biodiversidade V. In: Pasa, M.C. & De David, M. (Orgs) **Etnobotânica na cultura de benzedeiros e curandeiros. Mato Grosso – Brasil**. Edufmt - MT, Carlini e Caniato Editorial – SP. E-book 514-536p. DOI: 10.29142/mosb5
- DINIZ, M. A.; MARTINS, E. S.; GOMES, E.; SILVA, O. 2000. Contribution for the Knowledge of Medicinal Plants from Guinea-Bissau. **Portugaliae Acta Biol.** 19: 417-427.

ESTEVEES, M. I. P.; SILVA, O. M. D. 2015 **Uso de Plantas Medicinais em Penha Garcia**. IMed. Lisboa. Portugal. Faculdade de Farmacia. FFULisboa.

FARIA T. 2010. **Etnobotânica da aldeia de Canhane**: plantas úteis, saberes locais e tradições. Maputo: Diname Pub.

FLORA BRASILIENSIS Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro 2017 [<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>]. Available from: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>.

FONSECA, F. N.; BALICK, M. J. 2018. Plant-Knowledge Adaptation in an Urban Setting: *Candomblé* Ethnobotany in New York City. **Econ Bot**, 72 (1):56-70. <https://doi.org/10.1007/s12231-018-9405-7>.

GOMES, E. T.; SILVA, O.; DINIZ, M. A.; MARTINS, E. S. 2006. Plantas Medicinais de Guiné Bissau: **Manual Prático. Acção para o Desenvolvimento (AD)**, Guiné-Bissau. Lisboa. FFULisboa. Portugal. 58p.

GOMES, P. J.; BARBOSA, L. A. G. 1995. Esboço do Reconhecimento Ecológico-Agrícola de Moçambique. Lourenço Marques. **Mem Trab**. CICA 23:67-226.

GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L. M.; MACEDO, M. Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas & natureza na América Latina. In: Silva, V. A., Almeida, A. L. S., Albuquerque, U. P. (Orgs.). **Quintais urbanos e rurais em Mato Grosso: socializando espaços, conservando a diversidade de plantas**. 1ª ed. Recife: Nuppea, 2010. 321-328p.

HAIR, J.R.; WILLIAM, B.; BABIN, B. 2009. **Análise multivariada de dados**. 6.ed. Porto Alegre: Bookman.

HANAZAKI, N.; SOUZA, V. C.; RODRIGUES, R. R. Ethnobotany of rural people from the boundaries of Carlos Botelho State Park, São Paulo, Brazil. **Acta Bot Bras**. 2006; 20(4):899-909.

HATTORI, E.K.O.; NAKAJIMA, J. N. 2008. A família Asteraceae na Estação de Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental Galheiro, Perdizes, Minas Gerais, Brasil. **Rodriguésia**, v.59, n. 4, p. 687-749.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo 2010**. Accessed August 2017.

IPNI. The International Plant Names Index. [<http://www.ipni.org>]. Access in Jun. 2018.

IZIDINE, S.; BANDEIRA, S.O. 2002. Mozambique. In: Golding, J.S. (ed): **Southern African Plant Red Data Lists**. Southern African Botanical Diversity Network Report Series. National Botanical Institute, Pretoria 14: 43-53.

JOHNSON, R. A.; WICHERN, D.W. 2007. **Applied Multivariate Statistical Analysis**, sixth ed. Upper Saddle River, NJ: Pearson/Prentice Hall.

Krog M. P, Falcão M. P, Olsen C.S. 2006. **Medicinal plant markets and trade in Maputo, Mozambique**. Hørsholm: Christian Ejlers.

- LEITE, J.C.; SILVA, V.C. 2014. **Quilombolas do Vale do Guaporé**: modos de conhecimento e territorialidade. Edufmt/Ed. Sustentável. Cuiabá. Mato Grosso. MT.
- LEWIS, G. P.; SCHRIRE, B.; MACKINDER, B.; LOCK, M. 2005. Legumes of the World. **Royal Botanic Gardens**, Kew. v. 28.
- LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. 2008. **Plantas Medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. 2nd ed. Plantarum, Nova Odessa, Brazil.
- LORENZI, H. 2013. **Plantas para Jardim no Brasil**: Herbáceas, arbustivas e trepadeiras. Plantarum, Nova Odessa, Brazil.
- LÖWENBERG-NETO P. 2010. Conservação da Biodiversidade e Biogeografia Histórica. In: CARVALHO, C. J. B.; ALMEIDA, E. A. B. (Orgs). **Biogeografia da América do Sul**: padrões e processos - São Paulo, Roca. p.186-196.
- M'BOKOLO, E. M. 2007. **África Negra**: História e Civilizações do século XIX aos nossos dias. Lisboa: Edições Colibri. Lisboa. Portugal.
- MAMEDE, J. S. S.; PASA, M. C. 2018. Os Quintais Agroflorestais na comunidade rural em Várzea Grande. Mato Grosso. Brasil. **Biodiversidade** (17): 2, 54 -70pp.
- MARTINS, M.A.G.D. 1996. **Flora e Vegetação da Guiné-Bissau**. Programa de Investigação. IMed. Lisboa. Portugal.
- MEIHY, J.C.S.B. 1996. **Manual de História Oral**. São Paulo, Loyola. SP.
- MINAYO, M. C. S. 1994. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, MCS. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Rio de Janeiro.
- MINAYO, M. C. S. 2007. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, São Paulo.
- MOBOT - Missouri Botanical Garden Tropicos Search. Disponível em: <http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html>). Acesso em: março 2017.
- MUNANGA, K. 2004. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos Penesb**. SP 5:15-34.
- PARSONS, J.J. 1970: The 'Africanization' of the New World tropical grasslands. **Tubingen Geographische Studien** 34: 141-53.
- PASA, M.C. 2011. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi Cie. Hum.** Belém 6(1):179-196.
- PASA, M.C.; DAVID, M.D.D.; DORVAL, A.; *et al.* 2015. Múltiplos Olhares sobre a Biodiversidade. In: Pasa, M.C. (org.). **A Etnobiologia na Baixada Cuiabana**. Carlini & Caniato Editorial. SP. 1 (4): 341- 368.

PASA, M. C.; ZURRA, R. M. O.; DAVID, M. D. 2017. Múltiplos Olhares sobre a Biodiversidade. In: Pasa MC & David MD (orgs.) **Caminhando com os ribeirinhos pela Amazônia Brasileira**. Edufmt, Carlini & Caniato SP 5: 537-548. DOI: 10.29142qmosb5-30.

PFEIFFER, J. M.; VOEKS, R. A. 2008. Biological invasions and biocultural diversity: linking ecological and cultural systems. **Environmental Conservation** 35 (4): 281–293. DOI:10.1017/S0376892908005146

RIBEIRO, A. I.; ROMEIRAS, M. M.; TAVARES, J.; FARIA, M. T.; *et al.* 2010. Ethnobotanical survey in Canhane village, district of Massingir, Mozambique: medicinal plants and traditional knowledge. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 3: 6-33.

SALAS, A.; RICHARDS, M.; LAREU, M. V.; *et al.* 2004. The African Diaspora: Mitochondrial DNA and the Atlantic Slave Trade. **American Journal of Human Genetics**, 74 (3):454-465.

SANTOS, M. W. 2013. Festas quilombolas: Entre a tradição e o sagrado, matizes da ancestralidade africana. **Rev Histedbr**: 50:286-300.

SILVA, V. A.; ANDRADE, L.H.C.; ALBUQUERQUE, U.P. 2006. Revisiting the Cultural Significance Index: the case of the Fulni-oÃ in Northeastern Brazil. **Field Method**. 18(1):98-108.

SILVA, O. M. D.; VIEGAS, S.; MELLO-SAMPAYO; *et al.* 2012. Anti-Helicobacter pylori activity of *Terminalia macroptera* root. **Fitoterapia** 83(5):872-878.

SILVA, D. O.; GUERRERO, A. F. H.; TOLEDO, L.M. 2006. Reflexos do singular na desigualdade social: os diversos sentidos da fome em quilombos na Região Norte, Brasil. In: Lienhard M. (org.) **Discursos sobre a pobreza: América Latina e países africanos**. Zurique: Ibero-Americana Libros, p.442.

SOUZA, V. C.; FLORES, T. B.; COLLETTA, G. D.; *et al.* 2018. **Guia das Plantas do Cerrado**. Piracicaba, SP: Taxon Brasil. 583p.

TONGCO, M. D. C. 2007. Purposive Sampling as a Tool for Informant Selection. **Ethnobotany Research and Applications**, 5:147-158.

VOEKS, R. A. 1997. **Sacred Leaves of Candomblé: African Magic, Medicine, and Religion in Brazil**. University of Texas Press, Austin.

VOEKS, R. A. 2007. Are women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in northeast Brazil. **Singapore Journal of Tropical Geography** 28: 7-20 DOI:10.1111/j.1467-9493.2006.00273.x

VOEKS, R. A.; RASHFORD, J. 2013. **African Ethnobotany in the Americas**. New York: Springer.

VOEKS, R. A. 2016. Introduction to Ethnobiology. In: Albuquerque UP, Alves RRN (Editors). **Diaspora ethnobiology**. Springer. pp. 39-45. DOI: 10.1007/978-3-319-28155-1_7

VOEKS, R. A. 2017. Ethnobotany. **Internacional Encyclopedia of Geography**. John Wiley & Sons (editors). DOI: 10.1002/9781118786352.wbieg0300

VOEKS, R. A.; GREENE, C. 2018. **God's healing leaves: The colonial quest for medicinal plants in the Torrid Zone**. *Geographical Review* 108(4):545-565. DOI: 10.1111/gere.12291

WHO, 2002. World Health Organization. **Reducing Risks, Promoting Healthy Life**. **World Health Organization**: Geneva. Disponível em: http://www.who.int/whr/2002/en/whr02_en.pdf. Acesso em: 04 de junho de 2017.

WHO, 2007. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde, Tenth ed. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

WHO, 2014. **World Health Organization International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems**. Disponível em: <http://apps.who.int/classifications/icd10/browse/2014/>. Acesso em: 24 fev. 2017.

ZANK, S.; ÁVILA, J.V.C.; HANAZAKI, N. 2016. Compreendendo a relação entre saúde do ambiente e saúde humana em comunidades Quilombolas de Santa Catarina. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, 18(1): 157-167.

ZANK, S.; HANAZAKI, N. 2017. The coexistence of traditional medicine and biomedicine: A study with local health experts in two Brazilian regions. **PLoS One**, 12, 0174731